

SELEÇÃO  
DE  
TEXTOS

1

Dez. 1976

SUMÁRIO

Anuchin, V. A.

A Propósito do Objeto da Geografia Económica (Respostas às  
Questões de M. I. Al'Brut).

Santos, M.

Relações Espaço-temporais no Mundo Subdesenvolvido.

Distribuição interna.

## RELAÇÕES ESPAÇO-TEMPORAIS NO MUNDO SUBDESENVOLVIDO

Milton Santos \*

A Geografia do Terceiro Mundo responde às "leis universais" estabelecidas pelos geógrafos ocidentais e adotadas de forma negligente por muitos dos países subdesenvolvidos. Por quê?

É idêntica a organização do espaço em ambos os casos do sistema mundial do centro e sua periferia?

É o espaço trabalhado e transformado sob as mesmas regras em todas as partes?

Se a resposta for afirmativa, nesse caso podemos aceitar sem questionar as proposições ocidentais.

Se a resposta for negativa, então temos que apoiar nossas asserções contra a forte inércia das idéias admitidas. Isto quer dizer que temos que entender o jogo específico das variáveis espaciais no Terceiro Mundo e tratar de construir a partir daí uma teoria. Se bem que devamos ir mais longe, e apesar de que não se trata de buscar uma explicação separada da Geografia do Terceiro Mundo (espaciologia), devemos formular a pergunta sobre a hierarquia dos problemas e a prioridade que devemos dar a alguns deles. Hoje em dia, apesar dos esforços realizados neste sentido, os aspectos fundamentais permanecem sem uma resposta precisa.

Creemos que a resposta — ou as respostas — não pode ser senão o resultado de um estudo feito dentro de um quadro coerente da *produção do espaço* nos países subdesenvolvidos. Isto significa que devemos teorizar.

Creemos que são possíveis diferentes enfoques para o estudo do problema. O que propomos aqui está baseado nas relações espaço-temporais.

\* Professor do Institute of Latin American Studies, Columbia University, New York.

#### A NOÇÃO DE TEMPO NOS ESTUDOS GEOGRÁFICOS

A introdução da noção tempo nos estudos geográficos não é nada nova. Todavia, tanto a *geografia histórica* como a *geografia retrospectiva* (esta última pertence mais ao campo dos historiadores) somente delinearão problemas. A noção de *difusão de inovações* não progrediu por falta de um conceito mensurável de tempo. A proposta de Warnevd — o enfoque espaço-temporal — não foi seguida por proposições interessantes.

Os melhores esforços foram feitos através da epistemologia. Porém, a epistemologia ajuda a saber como tratar um fenômeno mas não é suficiente para explicá-lo.

A epistemologia algumas vezes pode estar baseada em analogias, quer dizer, em conceitos exógenos. Mas a analogia é arriscada, principalmente quando os conceitos das ciências humanas são derivados dos conceitos das ciências físicas.

A noção espaço-tempo como categoria geográfica de análise tem estado sujeita a confusões e não ajuda a seguir adiante nas análises espaciais.

Portanto, a idéia de espaço quadridimensional aparece de forma generalizada. Esta, por sua vez, reforça a noção de espaço relativo, isto é, o espaço como sistema de relações ou campo de forças, e obriga a considerar o tempo como uma dimensão espacial.

Portanto, isto supõe que a noção tempo deve ser definida no contexto do espaço geográfico e não-geométrico. Mas, sobretudo, exige que o tempo se faça *objetivo*; a percepção subjetiva não ajuda na elaboração de uma teoria espacial.

O *conceito tempo* tem que ser mensurável; tem que se converter em *variável*, uma *variável geográfica*.

#### A PRODUÇÃO DO ESPAÇO NO TERCEIRO MUNDO

Recordemos aqui que nosso interesse é a análise espacial do Terceiro Mundo, isto é, um estudo sistemático da produção espacial nos países subdesenvolvidos.

Todavia, se bem que queiramos ficar em um nível geral, faremos algumas afirmações como base para uma discussão.

- a. A história do subdesenvolvimento está intimamente ligada à história da divisão internacional do trabalho a nível mundial. Em outras palavras, a história do subdesenvolvimento reproduz a história da acumulação capitalista.

- b. Esta história começa em fins do século XV e princípios do século XVI (uma data precisa é somente uma concessão à tendência humana generalizada de introduzir marcos na História); a História não terminou, renova-se a cada dia.
- c. Esta história não é somente econômica mas também espacial, social, política, cultural. . . A organização do espaço muda através do tempo: muda de acordo com o papel que exerce cada subunidade do espaço em cada período histórico. Este papel depende dos arranjos locais proporcionados pelas técnicas econômicas (ou produção, consumo, distribuição, transporte e comunicação), políticas, organizacionais, culturais e/ou técnicas ideológicas.
- d. Essas técnicas são variáveis, mudam através do tempo. Aparentemente estas variáveis formam um *continuum*. Elas conservam os mesmos nomes, as mesmas funções, porém sua eficiência não é sempre a mesma.

Considerando-se o espaço total, entende-se que essas técnicas ou variáveis não têm em todas as partes a mesma idade. Em cada lugar, as variáveis A, B, C, . . . não têm a mesma posição no *continuum*. Estão dotadas de qualidades diferentes. Cada situação resulta da combinação das técnicas ou variáveis qualitativamente diferentes, cada uma carregada com um *tempo* específico. Isto representa o princípio de diferenciação entre as subunidades. A Geografia é uma filosofia de técnicas.

#### CENTRO-PERIFERIA

Quando uma subunidade particular obtém técnicas mais "modernas" (talvez todas elas) a um mesmo tempo, converte-se em centro do sistema espacial.

A uma escala global, o centro se define como o lugar onde se concentram as variáveis mais "modernas"; estas variáveis aparecem com intervalos de tempo tão curtos que a longo prazo se imagina que sejam contemporâneas e se difundam imediatamente através de todo o espaço. No centro, além disso, sua combinação é mais eficiente.

As periferias são alcançadas por variáveis distintas em tempos diferentes. Nem todas estas variáveis incidem sobre todos os lugares e se difundem através do espaço a velocidades diferentes. A história espacial é seletiva.

A combinação das variáveis mais eficientes concentradas num ponto gera um efeito de especialização que em si mesmo gera um efeito de dominação. Este é o princípio básico de centro e periferia.

Este fenômeno pode ser considerado em diferentes níveis: global, nacional, regional, local. Isto daria uma hierarquia de centros e periferias.

#### SISTEMAS DE TEMPO E SISTEMAS DE ESPAÇO

O problema de analisar a produção do espaço não pode ser focalizado sem estabelecer antes duas premissas essenciais:

- a. O tempo não é absoluto, é relativo; não é o resultado da percepção individual (subjetivo), é um tempo concreto; não é um *continuum*, mas deve ser dividido em seções, cada uma com suas características específicas. Logo, devemos encontrar uma periodização baseada em parâmetros mensuráveis, considerando-os não individualmente ou separadamente, mas em suas inter-relações. Dessa forma encontraremos verdadeiros sistemas de tempo.
- b. As relações entre os períodos históricos e a organização espacial também devem ser analisadas. Elas nos revelarão sistemas espaciais seguindo-se sucessivamente, não obstante os valores relativos dos lugares mudem através da História.

#### UM PRINCÍPIO ORDENADOR

Voltemos à proposição de que o subdesenvolvimento deveria ser sinônimo da divisão internacional do trabalho, isto como resultado da sucessão de modos de produção em escala global.

A divisão internacional do trabalho é um princípio ordenador mundial.

Desde a expansão do intercâmbio no século XVI, pode-se falar de períodos sucessivos: período *mercantil*, *manufatureiro*, a *Revolução Industrial*, período industrial ou "imperialista" e *tecnológico*. Eles são outras tantas etapas do capitalismo em escala mundial.

Em cada período, uma variável é responsável ao mesmo tempo pela grande acumulação nos centros e desacumulação progressiva na periferia.

Cada modo de produção cria suas correspondentes relações de produção e sua organização política e social específica. A organização econômica, política e social do centro se reflete na periferia (os tipos de modo de produção, produto, organização social e política, emprego, consumo, cultura, ideologia, etc.). Isso dá como resultado um arranjo espacial específico para cada período, devido à ação de va-

riáveis novas ou renovadas sobre uma formação sócio-econômica dada. Como conseqüência ocorrem acumulações sucessivas.

Porém, o espaço não é alcançado de uma forma homogênea pelos vetores originados nos centros. O impacto dos vetores não é casual; em cada período, alguns lugares parecem oferecer a melhor situação determinada para os interesses e necessidades do centro.

Todos os lugares não são alcançados por todas as variáveis; as variáveis que interessam não chegam a eles ao mesmo tempo.

O espaço é o resultado de uma acumulação desigual de tempo.

#### DIFERENÇAS ENTRE PAISES E DISPARIDADES REGIONAIS

Considerado como um todo, o espaço nos países subdesenvolvidos é *pontual*, *descontínuo*. Em relação a um ponto dado no espaço, as variáveis são *assíncronas* de um ponto de vista genético, isto é, em comparação com a *idade* das mesmas no centro, ou relacionadas com outros pontos no espaço. Mas, em cada situação, o funcionamento das variáveis é *síncrono*. Todas as variáveis trabalham juntas por meio de uma relação funcional. Cada lugar é um sistema espacial em qualquer momento, não importa a idade de seus elementos.

Um sistema geográfico é seguido de outro, que volta a criar sua coerência interna ainda quando cada variável separada experimente mudanças a uma velocidade particular.

Dentro de um sistema histórico temporal, as variáveis sofrem evolução assincronicamente; os sistemas geográficos mudam sincronicamente. De maneira que sincronia e assincronia não são realmente opostas, mas se complementam nas relações tempo-espaço, porque as variáveis são as mesmas.

Considerando os momentos de seu impacto, existem defasagens (*time-lag*) entre as variáveis, as quais explicam as diferenças da organização do espaço entre os países e as chamadas "disparidades regionais".

#### TEMPO EXTERNO E TEMPO INTERNO

Assim, cada parte do espaço está dotada de *vários* tempos externos e de *um* tempo interno.

Somente o sistema de tempo em escala mundial é externo a todos os outros sistemas e lhes dá significado.

Só o sistema local — numa menor escala — é alcançado pelo impacto de todos os outros sistemas. Este sofre, em instâncias diferentes, a influência de vários tempos externos.

Em escala global, o tempo externo tem sido determinado pelos grandes modos de produção dominantes, isto é, pelas "modernizações" que eles impõem. Em cada período, o modo de produção dominante afeta os espaços periféricos por meio de seus vetores econômicos, políticos e ideológicos. Porém, nem suas ações podem expandir-se através da totalidade do espaço, nem impor-se completamente em todas as partes. Há uma coexistência de muitos modos particulares e concretos de produção, mas em cada sistema temporal o modo de produção dominante em cada país é uma expansão ou reprodução do modo de produção dominante em seu centro internacional.

As diferenças entre os lugares são o resultado da ordenação espacial de modos de produção particulares. O valor dos lugares depende dos níveis qualitativos e quantitativos dos modos de produção e da forma como estes se combinam. Portanto, a organização local da sociedade e do espaço reproduz a ordem internacional. Somente o Estado pode modificar este esquema. É por isso que o Estado-Nação se converte na unidade geográfica de estudo. Mas muito poucos países no Terceiro Mundo têm um Estado capaz de mudar a forma de impacto dos vetores externos. Mas, pelo menos, o Estado pode instalar as atividades sociais e econômicas fora de considerações puramente econômicas (neste caso, o Estado mesmo atua como uma força externa).

Quando cada lugar foi definido como um arranjo especial de modos de produção e de estruturas sociais e demográficas, é possível medir suas variáveis características. Muitas categorias podem ser expressas quantitativamente: a composição técnica e orgânica do capital, o produto (*output*), a mais-valia ou as perdas em cada área particular, as relações entre e dentro dos ramos e modos de produção, as formas e padrões de distribuição e consumo, população e empregos, etc.

#### PROBLEMAS DE ESCALA

Os problemas de escala necessitam maiores estudos. Não obstante, sugerimos aqui unicamente que o tamanho do espaço cria diferentes graus de dificuldade na análise espacial. Entretanto, quanto menor for a subunidade, mais complexo é o seu estudo.

Na escala mais baixa, os impactos externos e as mudanças sucessivas na estrutura espacial são mais freqüentes por unidade de tempo que nas instâncias mais altas. O número de *tempos externos* atua como se o tempo mesmo se multiplicasse.

Esta periodização em escala global é muito mais sensível que nas instâncias inferiores. Ao nível do Estado, as opções nacionais relevantes (por exemplo, a independência política), os êxitos econômicos mais significativos (equipamento em transporte, processo de industrialização, regras de intercâmbio comercial externo, controles monetários, nível da difusão do consumo, limitações de crédito) são como vários pontos de decolagem para uma nova subdivisão do tempo, um novo sistema temporal em escala nacional com repercussões no sistema espacial do país.

Por cada instância espacial, é necessário identificar os eventos que implicam modificações importantes dentro do sistema temporal correspondente, isto é, provocando mudanças nos valores relativos dos elementos, tanto no sistema temporal como no espacial.

#### PARA UMA EXPLICAÇÃO GEOGRÁFICA TEMPO-ESPAÇO

A reconstrução de sistemas temporais e espaciais sucessivos é indispensável para a explicação da situação atual. Isto implica uma identificação exata da periodização em todas as instâncias e uma identificação e separação dos fatores propulsores relacionados com cada escala e seus períodos. Em qualquer caso, estaríamos obrigados a tomar em consideração direta ou indiretamente o papel da acumulação de capital em escala global e suas repercussões espaciais em todos os níveis.

Porém nenhum elemento pode ser tomado isoladamente, porque nenhum pode existir como uma variável fora duma relação holística global. Contudo, devemos reconhecer cuidadosamente, em cada lugar e em um momento dado, a hierarquia das variáveis. Se não nos é possível lograr isto, devemos renunciar à interpretação do espaço e do mesmo modo tratar de modificar sua estrutura por meio da planificação. Quando um planificador como Hilhorst escreve que nos faz falta uma teoria de planificação, poderíamos acrescentar que sempre nos fará falta se não temos uma teoria espacial. A tarefa fundamental dos espacilólogos no Terceiro Mundo é a de trabalhar unidos para conseguir sua construção.